

# Zélia e Serra defendem a privatização

A privatização não é apenas uma forma de combater o déficit público, na opinião do economista José Serra. É na verdade o caminho para se diminuir a incerteza e falta de legitimidade da atual forma de intervenção do Estado na economia. De qualquer maneira há até fortes razões práticas para defender a privatização: de acordo com Serra se forem vendidas todas as participações minoritárias da Petroquisa será possível ao governo arrecadar em 60 dias US\$ 2 bilhões, o que cobriria 1/5 das necessidades de investimentos da Petrobrás até 1993. O PSDB defende a criação de um Fundo de Privatização para tratar do assunto.

A assessora de Fernando Collor, Zélia Cardoso, coloca a questão da privatização como um dos pontos chaves do programa do PRN: o da reforma patrimonial do Estado. "Na verdade, a privatização para nós é importante para definir um novo padrão de crescimento." A economista deixa claro que o processo que imagina atinge até setores que sempre foram monopólio do setor público, como energia, transportes e comunicações, onde o setor privado poderia entrar garantindo os necessários investimentos.

O PT não acredita nisto e lembra que a Inglaterra de Margaret Thatcher começa a ter problemas com a falta de investimentos em serviços públicos privatizados, como o setor de distribuição de água. "Nesta questão fica clara a diferença das duas propostas para a economia brasileira nesta virada de século: o neoliberalismo e a proposta de restabelecer as funções de planejamento do Estado", diz Aloisio Mercadante. Ele abraça a tese de que o "Mercado não organiza a Nação", principalmente uma nação como a brasileira com 143 milhões de habitantes e graves problemas sociais. Mercadante explica que o PT quer que voltem ao setor privado empresas que sempre estiveram no setor privado, mas tem horror às idéias defendidas por Zélia Cardoso de Mello de incluir ações de estatais na solução da questão externa. "Isto é entregar o patrimônio público para pagar a dívida" dispara Mercadante.

Já o PDT teme entrar numa "privatização de louco" que possa colocar em risco o patrimônio público, mas está convencido de que é preciso rever os padrões de ação do Estado. Cesar Maia explica que seu partido não tem interesse em manter a técnica atual de "pegar uma empresa do BNDES e vender em leilão na bolsa". Acha que é preciso primeiro definir uma filosofia para tratar da questão. Uma das idéias, por exemplo, é se uma empresa pode ser financiada pelo governo a cinco anos para um grupo privado, poderia muito bem ser financiada com 40 anos de prazo para seus servidores. O PDT quer tentar também formas de co-gestão e autogestão nas empresas estatais.